

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Michel Couto Lopes

**“TEMPO, TEMPO, TEMPO... ENTRO NUM ACORDO
CONTIGO”**: Sobre ferramentas teórico-metodológicas para uma
Geografia Histórica na Educação básica

Rio de Janeiro
2021



Michel Couto Lopes

“TEMPO, TEMPO, TEMPO... ENTRO NUM ACORDO CONTIGO”: Sobre ferramentas teórico-metodológicas para uma Geografia Histórica na Educação básica

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Geografia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Orientador Professor: M. Marcio Ferreira Nery
Correa

Rio de Janeiro
2021

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

L864 Lopes, Michel Couto

Ensino tempo, tempo, tempo... entro num acordo contigo”: sobre ferramentas teórico-metodológicas para uma geografia histórica na educação básica / Michel Couto Lopes. - Rio de Janeiro, 2021.

19 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Marcio Ferreira Nery Correa.

1. Geografia – estudo e ensino. 2. Geografia histórica. 3. Educação básica. I. Correa, Marcio Ferreira Nery. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 910

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Michel Couto Lopes

“TEMPO, TEMPO, TEMPO... ENTRO NUM ACORDO CONTIGO”: Sobre ferramentas teórico-metodológicas para uma Geografia Histórica na Educação Básica

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Geografia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Prof. M. Marcio Ferreira Nery Correa
Colégio Pedro II

Prof. M. Marcus Vinicius Gomes
Colégio Pedro II

Prof. Dr. Sérgio Luiz Pereira Nunes
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro
2021

“TEMPO, TEMPO, TEMPO... ENTRO NUM ACORDO CONTIGO”: SOBRE FERRAMENTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA UMA GEOGRAFIA HISTÓRICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Michel Couto Lopes

Resumo: Temos por objetivo neste artigo pensar ferramentas teórico-metodológicas para um ensino de Geografia Histórica na Educação básica. Concordamos com a preocupação de Mauricio de Abreu da "ditadura do presente" que reduz todo estudo geográfico ao acondicionamento do fenômeno espacial ao presente atual e com os apontamentos de Rafael Straforini de que não é uma exclusividade da Geografia estudar a realidade ou o presente. Buscamos aqui, a partir de questões que são fruto da nossa atividade cotidiana em sala de aula, a contribuição de alguns autores clássicos da Geografia brasileira para pensar ferramentas teóricas e propor atividades de uma Geografia que não se restrinja ao estudo do presente.

Palavras-chave: Geografia histórica, Ensino de Geografia, Educação básica.

“TEMPO, TEMPO, TEMPO... ENTRO NUM ACORDO CONTIGO”: SOBRE HERRAMIENTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA UNA GEOGRAFÍA HISTÓRICA EN EDUCACIÓN BÁSICA

Resumen: El objetivo de este artículo es pensar en herramientas teórico-metodológicas para la enseñanza de la Geografía Histórica en la Educación Básica. Coincidimos con la preocupación de Mauricio de Abreu por la "dictadura del presente", que reduce todos los estudios geográficos al condicionamiento del fenómeno espacial al presente actual, y con la afirmación de Rafael Straforini de que no es exclusivo de la Geografía estudiar la realidad o el regalo. Buscamos aquí, a partir de preguntas que son el resultado de nuestra actividad diaria en el aula, el aporte de algunos autores clásicos de la geografía brasileña para pensar herramientas teóricas y proponer actividades de una geografía que no se restringe al estudio del presente.

Palabras-clave: Geografía histórica, enseñanza de la geografía, educación básica.

1 INTRODUÇÃO

Para o sociólogo Wright-Mills, a ciência social deve ser como um ofício, onde não separamos nossas vidas do nosso pensar, e sempre que experimentarmos forte sensação sobre ideias e acontecimentos, procurar não as deixar fugir. Minha questão para o artigo final parte de uma situação vivida em uma das escolas que trabalho.

Em uma pandêmica quarta-feira de aula, com poucos alunos e alunas em sala e muitos docentes faltando contaminados pela COVID, precisei substituir um tempo de 50 minutos em uma turma que não conhecia. Logo após a primeira apresentação, perguntei se gostavam ou não de geografia e quais os temas eram de maior interesse desses estudantes. Dessa pergunta corriqueira, uma das respostas que recebi de uma aluna me incomodou: ela dizia não gostar de Geografia por achar a disciplina uma aula de História “resumida e rasa”.

A primeira reação, um tanto quanto reativa, foi de pedir a ela quais temas e exemplos faziam com que ela tivesse tal opinião. Sua resposta, muito bem embasada, mostrava-me o tratamento que a apostila, cadernos e aulas de História e Geografia davam a temas como as revoluções industriais, industrialização brasileira, guerra fria e tantos outros. E, sim, muitos dos tratamentos da apostila e do caderno mereciam essa crítica.

Dois textos estavam bem vivos em minha mente quando essa situação ocorreu: a defesa de Mauricio de Abreu, preocupado com a "ditadura do presente" que reduz todo estudo geográfico ao condicionamento do fenômeno espacial ao presente atual, da Geografia Histórica como campo de investigação ; e também os apontamentos de Rafael Straforini¹ de que não é uma exclusividade da Geografia estudar a realidade ou o presente, e o perigo que é para a Geografia Escolar ser reconhecida por ter como objeto de estudo a apresentação das atualidades ou servir de contextualizações para as outras disciplinas.

Tais inquietações desaguararam na questão que tomamos por tema de artigo final, em busca de, como na brincadeira inicial que fizemos com a “Oração ao Tempo”, de Caetano Veloso, *poder entrar num acordo* com o tempo. Nosso trabalho busca pensar qual a geograficidade de temas que partilhamos com a História no ensino básico e o que seria fazer uma Geografia Histórica na Educação básica.

A relação tempo-espço não é (e nem pode ser) um tema ou uma preocupação restrita à Geografia acadêmica. Na Base nacional comum curricular, por exemplo, lemos no início da parte que dá conta da Geografia no ensino fundamental:

¹ Ainda em Rafael Straforini(2015), em entrevista à revista Giramundo, o autor afirma não haver uma Geografia histórica na Educação básica. Quando a historiografia aparece é para legitimar, como marcos contextuais diacrônicos e lineares, uma geografia do presente.

O conceito de espaço é inseparável do conceito de tempo e ambos precisam ser pensados articuladamente como um processo. Assim como para a História, o tempo é para a Geografia uma construção social, que se associa à memória e às identidades sociais dos sujeitos. Do mesmo modo, os tempos da natureza não podem ser ignorados, pois marcam a memória da Terra e as transformações naturais que explicam as atuais condições do meio físico natural. Assim, pensar a temporalidade das ações humanas e das sociedades por meio da relação tempo-espaço representa um importante e desafiador processo na aprendizagem de Geografia. Para isso, é preciso superar a aprendizagem com base apenas na descrição de informações e fatos do dia a dia, cujo significado restringe-se apenas ao contexto imediato da vida dos sujeitos. A ultrapassagem dessa condição meramente descritiva exige o domínio de conceitos e generalizações. Estes permitem novas formas de ver o mundo e de compreender, de maneira ampla e crítica, as múltiplas relações que conformam a realidade, de acordo com o aprendizado do conhecimento da ciência geográfica (BRASIL, 2018, p.361).

Destacamos do trecho acima que a aprendizagem geográfica deva superar a simples descrição de informações e fatos do dia a dia, abordagem que vemos ainda ser comum e que possui estreita relação com determinadas tradições geográficas e algumas confusões teóricas que ainda são correntes², que, entre elas está a principal do nosso trabalho: a Geografia se caracterizar como um estudo do presente ou ser uma disciplina que serve de contextualização para outras.

Proponho que esse artigo seja um caminho com algumas paradas. Essas paradas são as contribuições dos autores que escolhemos para se pensar uma Geografia histórica no ensino básico, assim como algumas propostas de atividades pensadas a partir das *ferramentas*³ oferecidas por cada uma das contribuições teóricas.

Antes de iniciar nosso caminho, é importante ressaltar que não temos a pretensão de dar conta de todas as contribuições de um campo tão rico, visto também o formato em artigo. “Está provado que só se pode filosofar em alemão”, e passar por toda essa relação entre espaço e tempo nos ia pedir voltar, por exemplo, a Immanuel Kant. Segundo o geógrafo Ruy Moreira, que no primeiro capítulo do livro “Para onde vai o pensamento geográfico?” traça os principais paradigmas da geografia moderna e passa por Kant no

² Paulo César da Costa Gomes identifica quatro confusões que ainda são correntes sobre a natureza de estudo e objetos da Geografia. A geografia como *ciência de síntese* - ela trata dos lugares e, portanto, integra todos os conhecimentos que operam naquele espaço; *ciência indutiva* - o mais importante seria o conhecimento empírico, ou pelo menos, qualquer teoria deveria partir do conhecimento profundo dos lugares; *ciência charneira* - a diferença da geografia provém da sua posição, entre as ciências sociais e naturais; e, por fim, de *ciência do empírico* - uma vez que essa ciência estuda o espaço e este é uma categoria kantiana apriorística, então em seu estudo não há necessidade de encontrar justificativas lógicas.

³ Tomamos por base o artigo de Valter Cruz (2010) que acredita que devemos trabalhar os conceitos como um dispositivo, uma “caixa de ferramenta” que funcionam como alavancas que nos permitem pensar o mundo e suas problemáticas, não como uma espécie de ornamentação, ou com uma superinflação de reflexões epistemológicas e teóricas abstratas, onde o conceito torna-se uma espécie de fetiche, que se torna um fim em si mesmo.

paradigma que chama de baixa modernidade holista. Em Kant temos que espaço e tempo são um já dado do mundo, que o homem capta com a percepção dos fenômenos. Quando captamos os fenômenos em nossa percepção, estes já aparecem diante de nós organizados em suas localizações na extensão que nos rodeia, o espaço, e na sucessão dos movimentos de mudanças do ontem para o hoje, o tempo. Em resumo, quando o pensamento parte para organizar os fenômenos numa ordem de entendimento do mundo, já tem ele esta tarefa facilitada pela prévia organização das coisas, organização espacial, no plano da extensão, e organização temporal, na ordem da sucessão, e, segundo Kant, é isto que nos damos conta no momento da percepção.

Segundo Reinhart Koselleck, no livro “Estratos do Tempo”, desde o século XVIII estabelecem-se relações entre espaço e tempo; não, porém, entre espaço e história. As ciências naturais desenvolveram suas teorias e procedimentos de medida para analisar espaço e tempo, assim como as ciências humanas. Para esse historiador, todavia, espaço e tempo representam, como categorias, as condições de possibilidade da história. O “espaço” tem uma história. O espaço é algo que precisamos pressupor meta-historicamente para qualquer história possível e, ao mesmo tempo, é historicizado, pois se modifica social, econômica e politicamente.

O caminho que trilharemos aqui para *arrumar nossas ferramentas* passa por Maurício de Abreu, Antônio Carlos Robert Moraes, Milton Santos e Roberto Lobato Corrêa. Escolhemos as contribuições de tais autores como nossos *pontos de parada*, de onde vamos enxergar as relações entre espaço e tempo e pensar as possíveis apropriações no ensino de Geografia na Educação básica.

2 DESENVOLVIMENTO – DO CAMINHO E DAS PARADAS

A primeira parada de nosso caminho é o texto de Maurício de Abreu (2000) “Construindo uma Geografia do Passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII”. Esse texto é uma crítica a definição que os geógrafos clássicos fizeram da geografia como ciência do presente, assim como toda a herança de fragilidade conceitual⁴ que isso nos legou.

⁴ Milton Santos, que é para quem Maurício de Abreu dedica esse texto, concorda que testemunhamos uma frouxidão conceitual. Como ir além do discurso que prega a necessidade de tratar paralelamente o tempo e o espaço, do discurso de crítica dos outros especialistas que menosprezam esse enfoque, e do próprio discurso de autocrítica de uma geografia igualmente faltosa? Como ultrapassar o enunciado gratuito de um tempo unido ao espaço, mediante a relativização de um e de outro? Como traduzir em categorias analíticas essa mistura, que faz com que o espaço seja também o tempo e vice-versa? A reafirmação das relações entre a

No processo da autonomia disciplinar da geografia e sua busca de independência frente à história, a autonomia foi conseguida, mas sem que se resolvesse a contento a questão da separação de saberes umbilicalmente ligados um ao outro. Surgiu então o tabu: de um lado, o discurso romântico da inseparabilidade de tempo e espaço; de outro, uma prática que reafirmava a cada instante que geografia não era história, e que acabou utilizando um artifício metodológico para definir os limites entre uma e outra.

Para Maurício de Abreu tem grande responsabilidade nisso Jean Brunhes. O geógrafo francês defendia que não havia nada de mau que os geógrafos acompanhassem os reflexos da geografia humana na história, mas fazer geografia era dar conta do presente, não do passado.

Quem é geógrafo sabe abrir os olhos e ver! ... Consequentemente, o método geográfico ... é um método que privilegia o estudo exato, preciso, do que existe hoje ... Adquiramos conhecimento daquilo que existe, do estado geográfico do presente, sem sermos obrigados a estudar primeiro a origem e as transformações históricas dos fenômenos Os geógrafos não devem se transformar em historiadores ... eles devem sempre se esforçar para não perder de vista estas pedras fundamentais da verdadeira geografia que são os 'fatos essenciais'(BRUNHES, 1912, p.596 apud. ABREU, 2000, p.14)

A única concessão que a Geografia poderia fazer à história era reter do passado apenas o essencial para compreender os meios atuais (CHOLLEY, 1942 apud. ABREU, 2000). Vem daí a “ditadura do presente” denunciada por Maurício de Abreu que empobreceu nosso conhecimento sobre o passado, já que os historiadores não abordavam os tempos pretéritos a partir das questões geográficas.

Passado, presente e futuro são categorias eminentemente sociais, e não categorias determinadoras da geografia ou de qualquer outra ciência social. Todas trabalham com as três. São as conexões que tentam fazer que dão peculiaridade a cada uma (ABREU, 2000, p.16). Ainda que o presente seja o palco preferencial de atuação da Geografia, o que a distingue enquanto ciência são as questões que ela coloca para o entendimento do real. A proposta de Milton Santos, por exemplo, de um sistema intelectual que dê conta do todo e das partes em interação precisa ser trans temporal para ser orientador da análise geográfica em qualquer duração de tempo.

Para Milton Santos (1996, p.46-47), é fundamental sermos capazes de materializar e empiricizar o tempo através das técnicas. A materialidade artificial pode ser datada,

Geografia e a História é, certamente, o mais simples e, positivamente, o mais naïf dos enfoques (SANTOS, 1996, p.41)

exatamente, por intermédio das técnicas: técnicas de produção, do transporte, da comunicação, do dinheiro, do controle, da política, e, técnicas da sociabilidade e da subjetividade. As temporalidades ocorrem sobre formas materiais e não materiais piores de particularidades e de singularidades, já que é produto da ação diferenciada dos homens sobre a superfície do planeta. Uma noção muito importante é a da multiplicidade de tempos que ocorrem em cada fração do espaço geográfico.

Em outras palavras, cada lugar do planeta é, em cada "Presente" um produto da interrelação de três tempos: o tempo geral do modo de produção (ou "tempo do mundo"), o tempo particular dos Estados em que se inserem (ou "tempo do Estado-Nação"), e o tempo singular do próprio lugar (ou "tempo do lugar"). Por essa razão, cada lugar é, ao mesmo tempo, universal, particular e singular (ABREU, 2000, p.17).

Maurício de Abreu defende que na Geografia Brasileira a regra de estudos que estudam os espaços do passado historicamente se concentram nas origens e evolução histórica de diversos núcleos urbanos no país. O autor não se opõe aos trabalhos que tratam da diacronia, somente defende que a *empiricização* do tempo também pode ser feita a partir de um corte sincrônico, e em uma sincronia que não precisa se ater a contemporaneidade.

Se as categorias de análise geográficas são verdadeiramente universais, também deverão servir para desvendar os presentes do passado. A única diferença, contudo, é que o estudo do passado exige a adoção de certas regras metodológicas que não têm necessariamente que ser seguidas quando se analisa o presente.⁵

Enquanto metodologia, Maurício de Abreu (2000, p.18) lista três regras fundamentais: 1) Se as categorias de análise da geografia são universais, as variáveis que as operacionalizam não o são; daí, precisamos estar sempre atentos à adequação destas últimas para o entendimento do passado. Variáveis não trafegam impunemente no túnel do tempo, só as categorias de análise podem fazê-lo; 2) Só se pode entender o "presente de então" se pudermos contextualizá-lo. Embora informado pelo presente, o passado não é o presente. Daí, para compreendê-lo, há que se investir muito em pesquisa indireta, via leitura do que já foi produzido sobre o tempo que se decidiu estudar, e em pesquisa direta, realizada nas mais diversas "instituições de memória"; 3) Há também que levar em conta que as geografias do passado trabalham, não com o passado propriamente dito, mas com os fragmentos que ele deixou.

⁵ Para Maurício de Abreu, geografias do passado contam com uma vantagem insuperável: como já se sabe o que aconteceu depois, pode-se trabalhar com muito mais confiabilidade com as categorias presente e futuro (ABREU, 2000, p.18).

Em uma série de textos dedicados ao próprio Maurício de Abreu, trazemos ao debate como próxima parada as contribuições de Roberto Lobato Corrêa, principalmente por suas ideias de propostas de atividade que poderíamos pensar na educação básica.

Para Roberto Lobato Correa, o geógrafo em sua análise sobre o espaço incorpora o tempo muitas vezes, mesmo em estudos que não podem ser considerados de Geografia Histórica. A história estuda a ação humana no tempo e a geografia no espaço, podendo a primeira estudar o tempo presente e a segunda o espaço no passado. A partir disso o autor se questiona: qual o interesse do geógrafo pelo tempo?

O interesse do geógrafo pelo tempo⁶ se dá por meio da espacialidade da ação humana no curso da história, espacialidade que está materializada em obras fixas e expressas em fluxos, ambos resultados de complexos processos sociais. A organização do espaço, assim como região, lugar, paisagem e território em suas temporalidades é o que interessa ao geógrafo.

Nos é de grande importância as cinco vias e perspectivas de análise do tempo que o autor indica: herança, memória, projeto, inscrição e trajetória, visões que podem ser consideradas nas análises regionais e temáticas, com base no positivismo, no materialismo histórico e na visão cultural-humanista, já que a inclusão do tempo nas análises geográficas não exclui nenhuma dessas possibilidades.

1) Herança – A organização do espaço é resultado de um maior ou menor acúmulo de formas herdadas do passado recente e remoto. Diversos momentos do tempo estão incorporados por meio de heranças do passado. Algumas formas se transformam e outras permanecem. As que permaneceram pode ser pela ação da inércia que possibilita a continuidade da função da mesma estrutura física construída; pode ser também pela resignificação das formas antigas cujas funções permanecem, mas tendo novos significados; um terceiro e possível processo é o da refuncionalização, antigas formas que ganham novas funções. Os exemplos são numerosos e podem ser vistos por toda parte. Quantas atividades possíveis de fazer analisando a refuncionalização de fábricas, cinemas, templos, estações ferroviárias, quartéis, prisões e prédios grandiosos de administração

⁶ Roberto Lobato Correa nos traz que assim como o espaço geográfico pode receber muitas qualificações, o tempo também pode. Estres estas está a distinção entre *chronos* e *kairos* (Crang, 2005 apud Correa, 2018). O primeiro considera o tempo como tendo objetividade, podendo ser mensurável por meio do calendário, dos fusos horários, estando relacionadas a noções como duração, frequência, sequência e ritmo. *Kairos*, por sua vez, envolve a (inter)subjetividade, não sendo mensurável, mas enquadrável no tempo *chronos*. Está impregnado de valores, práticas e oportunidades. Ainda nos traz que o tempo apresenta enorme importância para o ser humano porque: sustenta sistemas físicos e biológicos; constitui parte da estrutura cognitivas; contribui para organizar a sociedade via sincronização das interações; permite identificar passado, presente e futuro; constitui uma forma simbólica geral.

pública?

2) Memória – O passado se faz presente também no que escutamos, por relatos ou inúmeras expressões artísticas. A paisagem exercita a memória, remetendo anos ao passado recente e remoto, resgatando boas e más lembranças, porém seletivas e com alguma transformação que reconstrói o passado. Faz-se necessário lembrar, contudo, que a memória é seletiva e influenciada por aqueles que observam a paisagem, que são portadores de experiências distintas do espaço. Memórias também podem ser inventadas, e para isso, a paisagem desempenha papel-chave. A memória do espaço por meio da paisagem não tem sido muito utilizada, contudo, Correia afirma que tal via possibilita ao geógrafo ingressar nas representações culturais que outros elaboraram sobre o espaço, sendo uma forma de compreender a espacialidade do passado.

3) Projeto – O autor também afirma que projetos não realizados podem ser de interesse dos geógrafos. Uma ponte, uma ferrovia, um loteamento, obras de drenagem, ou desmante, indústria e conjunto habitacional. Ao estudar projetos não realizados é possível estabelecer uma especulação geográfica e considerar possíveis conteúdos e arranjos espaciais se o projeto fosse realizado. O exemplo proposto por Corrêa é das tentativas de criação de cidades francesas entre os séculos XVI-XVIII.

4) Inscrição – Toda produção humana está inscrita no espaço e no tempo. Roberto Lobato Correia entende por inscrição a inserção de um processo ou forma em dado momento no tempo em dada localização. Seria o que Maurício de Abreu denominou “presente de então”, que deve ser analisado com o olhar do passado e não do presente. A inscrição de uma área em tempo específico pode se efetivar tanto por meio de formas espaciais fixas, a exemplo de ruas, prédios e o próprio núcleo urbano, quanto por meio de formas espaciais móveis, regulares ou não, como os deslocamentos de pessoas, mercadorias, informações e capital. Os possíveis exemplos levantados são: rede urbana da Amazônia pombalina; a rede urbana de Minas Gerais em 1920; as relações espaciais e o espaço urbano de Parnaíba; a geografia das missões jesuíticas gaúchas; a geografia da indústria têxtil mineira no fim do século XIX; o bairro do Méier, no Rio de Janeiro no início do século XX; o território da ordem religiosa beneditina ou jesuíta na primeira metade do século XIX; a dimensão espacial da Guerra do Contestado em Santa Catarina, segunda década do século XX; a espacialidade da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul; feiras nordestinas por volta de 1930 – 1940.

5) Trajetória – Por trajetória entende-se as combinações entre processos e formas, que a partir de um foco inicial no espaço e no tempo, sucedem-se até dada área, no presente

ou no passado. O passado é considerado na perspectiva da trajetória como uma sucessão de eventos combinados que ora se fixaram espacialmente, marcando a organização do espaço por meio de heranças, ora desapareceram, produzindo ruínas e resíduos, e que, ao mesmo tempo, alimentam a memória.

Finaliza Corrêa que a imaginação geográfica de cada pesquisador pode adicionar outros temas em diversas escalas espaciais para pesquisa, devendo o geógrafo estar atento a considerar a combinação entre o “espírito do tempo” e o “espírito do espaço” de modo que a inscrição seja plena. Se a periodização espacial produz tempos relativamente homogêneos em cada período, definindo tempos históricos que caracterizam o desencadear de processos e formas, suas combinações desiguais, suas tensões e rupturas, a difusão espacial descreve a trajetória indicando seus agentes sociais, o itinerário, as barreiras, os agentes, os receptores, apontando ainda para a intensidade e o ritmo da difusão, descrevendo assim a temporalidade da dispersão espacial.

PROPOSTA DE ATIVIDADE 1

A primeira proposta de atividade se iniciará com paisagens de Londres e Paris do século XIX presentes na coleção História do Mundo Ocidental, as famosas *eras* de Hobsbawn. foi pensada por nós inspirada na formulação de Mauricio de Abreu de que os conceitos da geografia têm por objetivo analisar o espaço em distintas temporalidades, não só na ditadura do presente denunciada pelo autor. Observando as regras metodológicas que o autor chama a atenção, principalmente da pesquisa bibliográfica do que já foi produzido, tomaremos por base um diálogo entre o livro “Londres e Paris do Século XIX – O Espetáculo da pobreza” de Maria Bresciani com o capítulo “Os trabalhadores pobres”, do livro “A Era das Revoluções” de Eric Hobsbawn.

Essa atividade visa servir de gatilho⁷ sobre as espacialidades da Revolução Industrial e sobre o processo de urbanização capitalista, e se divide nas seguintes partes: 1) Mostraremos as fotos e pediremos aos alunos para descrever a paisagem, falando também qual lugar que eles imaginam descrever; 2) Dividir alguns textos adaptados dos livros que tomamos por base sobre a urbanização e as características dessas cidades no século XIX; 3) Fazer possíveis comparações com os processos de urbanização periféricos do Brasil e da cidade dos alunos.

Temos como um dos temas mais tradicionais no currículo da Geografia o estudo das formações territoriais, tanto do Brasil como de outros países e regiões do mundo. Para conversar sobre o tema, nossa segunda parada escolhida está no livro “Território e História no Brasil”, de Antônio Carlos Robert Moraes. Nos será de grande importância a recusa da visão da localização da geografia servindo somente como uma introdução da história, o que

⁷ A ideia de gatilho está presente em Scalercio (2018, p.62): “Pensar espacialmente passa pela necessidade de aprender a tratar fenômenos, coisas e objetos de modo geográfico. Chamamos de “gatilhos geográficos” perguntas ou estratégias que conduzam a uma abordagem espacial daquilo que estudamos. Na tentativa de diálogo com os professores da educação básica, façamos o seguinte exercício mental. Pensemos num fenômeno/assunto costumeiramente presente nos conteúdos das aulas de geografia: terremoto, enchentes ou desigualdade social. Eles acontecem ou se manifestam em todos os lugares? Logo, onde ele ocorre? Por que se concentra e atinge certos lugares?”

faria do espaço somente um palco, assim como a recusa da visão da geografia como uma história do presente. Visões que dissociam os campos radicalmente ao tentar relacioná-los.

Cabe à geografia, segundo o autor, diferenciar uma realidade fático-material de disposição e organização dos objetos e seres na superfície do planeta (a geografia material) e as representações elaboradas pelas sociedades acerca dessa realidade (o discurso geográfico). Qualquer olhar geográfico já se exercita em uma concepção que sofre determinações históricas, qualquer leitura da paisagem é densa de uma temporalidade própria. A Geografia emerge em todas as épocas históricas e em todas as sociedades. A variedade de geografias é inerente à variedade de culturas existentes na história humana. Vale ressaltar, contudo, que diferentes métodos em ciências humanas adotam perspectivas históricas em análise do seu objeto⁸.

A institucionalização e organização das escolas de Geografia em meados do século XIX se deu em um período de grande aplicabilidade prático-política do conhecimento geográfico na divisão de espaços e delimitação de fronteiras. Tanto para os países centrais como para os países de desenvolvimento tardio, o ensino de geografia, (assim como o de história) teve grande importância na legitimação do Estado mediante o estudo do território. Ensino esse que passava pelo levantamento das riquezas naturais, dos acidentes geográficos, da noção de extensão do espaço pátrio e da diversidade paisagística confluindo para a construção de uma identidade territorial. O conhecimento geográfico passou a ter cada vez mais importância também nos órgãos de gestão da política.

Além do estudo das próprias fronteiras, também coube à Geografia o estudo de outros lugares do mundo. Um olhar para o outro com um entendimento evolucionista da história, que assume um percurso único da barbárie à civilização. A relação entre a geografia europeia e o colonialismo do século XIX é siamesa, seja para o levantamento de recursos de vários lugares do mundo ou para legitimar a repartição do mundo pela Europa. No caso de formações coloniais, como no caso brasileiro, a Geografia assumiu centralidade na vida social das formações, já que a conquista espacial emerge como fundantes dessas sociedades.

⁸ Antônio Carlos Robert Moraes se posiciona na historicidade materialista em uma perspectiva dialética da relação entre a sociedade e seu espaço, que concebe a totalidade como um recurso de método. Isto é, parte-se de uma postura de método que se pensa ontologicamente em termos históricos. Nele, a realidade é concebida como movimento incessante, no qual os fenômenos só podem ser apreendidos como processos em contínuo fluir, cabendo ao conhecimento buscar captar um sentido lógico e histórico em meio à diversidade das formas e das relações. A busca de tal sentido não pode ser confundida com a atribuição de um senso finalista, teleológico, no movimento histórico. Até porque não se acata nenhum determinismo que possa antecipar o futuro (MORAES, p.38).

Dos conceitos tomados por ferramenta nessa parada, destacam-se a valorização do espaço e a formação territorial. A geografia humana tem por objeto o processo universal de apropriação do espaço natural e de construção de um espaço social pelas diferentes sociedades ao longo da história. Toda sociedade cria formas espaciais para se produzir, sendo assim um processo universal. A vivência social do espaço cria rugosidades que duram mais que estímulos e objetivos que lhes deram origem. Em uma progressiva e reiterada apropriação e transformação do planeta, entretanto, o processo de valorização do espaço pode ser desdobrado em alguns processos mais específicos que convivem em diferentes arranjos ao longo da história. A relação de apropriação dos meios naturais; a transformação dos meios naturais e a reapropriação dos meios já transformados.

Do mesmo modo que qualquer processo social, a valorização do espaço também se transforma historicamente, nesse sentido em que é também um processo histórico. Um processo historicamente identificado como formação de um território. Moraes justifica o conceito território por ser impossível de ser formulado sem o recurso a um grupo que explora esse espaço, da maneira que o território inexistente enquanto realidade apenas natural. Enquanto a valorização do espaço aparece como horizonte teórico genérico de indagação, a formação territorial desenha-se como objeto empírico, o ajuste de foco naquela ótica angular de se captar o movimento histórico. Transita-se, para o autor, da *vaga* categoria espaço ao *preciso* conceito de território. Ou melhor, em sua produção, às determinações mais especificamente econômicas associam-se injunções do universo da política. Na historicidade plena dos processos singulares brota a possibilidade de indicar os agentes do processo, os sujeitos concretos da produção do espaço.

Dessa forma, o estudo da valorização do espaço agrega também os elementos da análise política – os usos do solo, os estabelecimentos humanos, as formas de ocupação e hierarquias entre os lugares expressam os resultados de lutas, hegemônias e violências. Vale notar a importância do Estado, ator de grande importância no processo de formação territorial. Sem captar o jogo político que objetiva, e as determinações político-culturais que o enredam, não se consegue entender em profundidade um processo concreto de valorização do espaço. O território, nesse sentido, expressa combates e antagonismos entre interesses e projetos sociais. O desenvolvimento histórico se faz sobre e com o espaço terrestre. Toda formação social é também territorial, pois necessariamente se especializa.

PROPOSTA DE ATIVIDADE 2

A geografia pode analisar disputas territoriais não só recentes, como uma disciplina de atualidades ou uma contextualização para outras disciplinas. Do mesmo modo que qualquer processo social, a valorização do espaço também se transforma historicamente, nesse sentido em que é também um processo histórico. Nossa proposta de aula será sobre a ocupação e formação das fronteiras da América Latina.

Imagino essa como uma primeira de uma série de aulas sobre o conteúdo América. Essa atividade busca servir de gatilho para os alunos entenderem disputas territoriais em vários períodos da história do continente, conteúdo que acredito poder ser tratado em uma série de aulas.: 1) Levaremos 4 mapas com delimitações de fronteiras de diversos períodos e pediremos aos alunos para nos dizer a legenda de cada um dos mapas; 2) Trabalhar ao longo das aulas alguns dos principais conflitos territoriais na formação dos países latino-americanos

Nesta parada de nosso trabalho, traremos uma proposta clássica de Milton Santos, no livro *Espaço e Método*, complementada por Roberto Lobato Corrêa. Na clássica proposta de Milton Santos, o autor propõe que estrutura, processo, função e forma considerados dialeticamente, são as categorias de análise do espaço. Tal proposição é fruto de longa reflexão a respeito de categorias de análise para tornar inteligível a espacialidade humana, que é um reflexo, meio e condição social, não um epifenômeno.

Para Milton, estrutura é a própria sociedade com suas características econômicas, sociais, políticas e culturais. Processo é considerado como o conjunto de mecanismos e ações a partir dos quais a estrutura se movimenta, alterando-se suas características. Função, por sua vez, diz respeito às atividades da sociedade, redefinidas a cada momento, que permitem a existências e a reprodução social. Forma, finalmente, é definida como as criações humanas, materiais ou não, por meio das quais as diversas atividades se realizam. As quatro categorias são indissociáveis e se interpenetram. Se analisadas isoladamente, teríamos uma análise incompleta⁹, incapaz de abarcar a espacialidade humana.

Roberto Lobato Corrêa traz, em diálogo com Milton, a contribuição de Cassirer (1923) e outros autores, no que ele próprio afirma ser uma “mistura de gêneros” que rompe com a ortodoxia de uma única matriz para enriquecer a geografia. Para este, tornar o espaço, reflexo, meio e condição social, plenamente inteligível, é necessário introduzir os significados construídos e reconstruídos a seu respeito pelos diversos grupos sociais.

⁹ Se considerarmos a estrutura e o processo, faremos um estudo de história ou de história econômica, útil, no entanto, para os geógrafos, mas incapaz de abarcar a espacialidade humana. Se, por outro lado, considerarmos apenas a função e a forma, faremos um estudo descritivo, classificatório, deixando de lado o tempo social: a sociedade e seu movimento são excluídos. Se considerarmos apenas a estrutura e a forma, eliminaremos a mediações e as possibilidades de entendimento da espacialidade humana. Se considerarmos, por sua vez, as categorias processo e função, realizaremos um estudo de natureza econômica útil, mas no qual a espacialidade humana está de fora.

Assim, os significados constituem o complemento às categorias acima apontadas, tornando-se uma tríade, processo, forma e significado. Acrescentar os significados possui grande importância, já que processos e formas estão impregnados de símbolos, que são construídos e reconstruídos por diversos grupos sociais, sendo de grande importância também o cuidado de não levar em conta somente as interpretações oficiais vinculadas à retórica do poder.

PROPOSTA DE ATIVIDADE 3

As categorias de análise do espaço de Milton Santos podem ser muito potentes também na Educação básica. A terceira atividade proposta por nós será um trabalho de campo. Muitas são as possibilidades de casos de refuncionalização do espaço, mas escolheremos aqui um tema que nos é caro por origem, identidade, e também, por ter sido tema de nossa dissertação de mestrado.

Nossa proposta se desenrolará por três momentos: 1) O pré-campo - Explicaremos aos alunos, com as devidas adaptações, as categorias de análise do espaço de Milton Santos e introduziremos alguns aspectos básicos da ocupação de Volta Redonda; 2) Em um segundo momento será o campo que terá por objetivo aplicar as categorias de análise para entender, principalmente, a função que os pontos escolhidos cumpriram quando foram construídos, qual função possuem hoje e, como exercício de reflexão, qual função poderiam ter.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim do caminho proposto. Buscamos nesse texto oferecer ferramentas para uma questão que é fruto de uma situação bem típica do *chão de sala de aula*: qual o interesse do geógrafo pelo tempo, mas principalmente, qual o interesse do professor de Geografia da Educação básica pelo tempo.

A discussão conceitual e teórica é de fundamental relevância em todas as ciências humanas. Na Geografia não é diferente, contudo, a formulação dos seus principais conceitos e até sua identidade enquanto ciência possuem problemas ainda maiores. Seu passado empiricista e o pouco valor da teoria na produção do conhecimento nos legou uma discussão epistemológica tardia, refletida em dificuldades partilhadas entre a Geografia acadêmica e a Geografia escolar.

Nosso artigo entende que a Geografia escolar não é uma redução e uma mera adaptação da Geografia acadêmica. Vale lembrar que a Geografia escolar brasileira, como em grande parte dos países, é anterior à Geografia acadêmica. A produção escolar era praticamente a única existente e, posteriormente, passou a andar paralela à acadêmica. Geografia acadêmica e Geografia escolar são campos de produção de conhecimento distintos, mas que possuem e devem possuir relação íntima. Se de um lado a principal demanda nas faculdades por profissionais de Geografia é para a formação de professores no

ensino básico, por um outro, a Geografia escolar não pode se apartar de uma rica e ampla tradição acadêmica de pesquisas da Geografia brasileira.

Foi essa a busca do nosso caminhar. Usar de algumas das clássicas contribuições da Geografia brasileira sobre a Geografia Histórica para pensar possíveis ferramentas para uma Geografia que não seja uma mera contextualização, ou um esforço de dar conta de atualidades, ou qualquer abordagem que valha a crítica de Maurício de Abreu da “ditadura do presente” em nossa disciplina.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mauricio de Almeida. Construindo uma Geografia do Passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. *Geosp: Espaço e Tempo*. São Paulo, n.7, p.13-25, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato. Caminhos Paralelos e Entrecruzados. 1. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2018.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Território e História no Brasil, 1ª. ed. São Paulo: Annablume / Hucitec, 2002. v. 1. 200p

MOREIRA, Ruy. Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006

SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. A Natureza do Espaço: técnica, tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCALERCIO, Vitor. O Ensino de Geografia e pensamento espacial: reflexões epistemológicas e a atividade de pesquisa do LENPGEO. *Giramundo*, Rio de Janeiro, v.5 , n.10, p.57-71, 2018 .

Entrevista Giramundo. Entrevista com o professor Rafael Straforini. Giramundo, Rio de Janeiro, v.2, n.4, p.143-157, 2015.

STRAFORINI, Rafael. O ensino da Geografia como prática espacial de significação. *Estudos Avançados*, v.32, p. 175-195, 2018.

GOMES, Paulo César da Costa. “Um lugar para a Geografia: Contra o simples, o banal e o doutrinário”. *In: VIII ENANPEGE, 2009, CURITIBA. Espaço e Tempo: Complexidade e desafios do pensar e fazer geográfico. Curitiba: Ademadan, 2009. v. 1. p. 13-30.*

AGRADECIMENTOS

De um período relativamente curto de uma pós-graduação, mas com o tempo estendido das mudanças vividas em tempos pandêmicos, valem alguns bons agradecimentos.

Ao reencontro com minha companheira de vida Suzanne, que mesmo não terminando o curso, “cursou” comigo. Obrigado por tanto em todos os dias.

Aos irmãos de vida Ciro (meu companheiro de trabalhos e de onde assisti muitas aulas) e Gaby, pelo acolhimento de sempre.

Aos bons encontros na turma. Aprendi muito caminhando junto com professores e professoras tão inspiradores.

Aos professores pelo ótimo curso oferecido, especialmente ao orientador e querido Márcio, ao Vitor Scalercio e ao Marcus Vinicius. Agradeço aqui ao queridíssimo Sérgio Nunes, dos professores que mais influenciaram minha formação e que tenho a honra de ter na banca.

Para as muitas famílias que caminham junto em tantas travessias.

Muito obrigado.